



ROBINSON CRUSOÉ

DANIEL DEFOE

Adaptação

MONTEIRO LOBATO

Edição revista e atualizada

Veríssimo

DANIEL DEFOE

ROBINSON
CRUSOÉ

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO:
Monteiro Lobato

Veríssimo





ROBINSON CRUSÓÉ

Meu nome é Robinson Crusóé e nasci na velha cidade de York, onde navios entram e saem por um rio. Quando criança, eu passava o tempo olhando a calmaria daquelas águas e caminhava sem pressa até o mar distante.

Como eu gostava daquelas velas estufadas pela brisa! Eu sonhava com as aventuras que os barcos traziam de terras estranhas. Eu queria ser marinheiro, pois eles sempre navegavam para novos lugares, enfrentando tempestades e monstros marinhos.

Meu pai não concordava com isso. Queria que eu tivesse um trabalho na cidade — ideia que eu não suportava. Ficar o dia inteiro em oficinas cheias de pó não era para mim. Também odiaria passar a vida em York. O mundo me chamava e eu queria encontrá-lo. Minha mãe ficou triste quando declarei que seria marinheiro.

— A vida de marujo — ela disse — é uma vida dura. Há tantos perigos no mar, tantas tempestades, que muitos navios acabam naufragando.

Disse também que havia terríveis peixes que me comeriam vivo se eu caísse na água. Depois me deu um bolo e me beijou: “É mais feliz quem fica na sua casa”.

Mas não ouvi seus conselhos. Estava resolvido a ser marinheiro.

— Já fiz dezoito anos — disse um dia a mim mesmo. — É tempo de começar.

E, fugindo de casa, fui trabalhar num navio.



MINHA PRIMEIRA VIAGEM

Logo me convenci de que mamãe tinha razão. A vida de marinheiro era pesada. A bordo de um navio, mesmo quando o mar estava calmo, não faltava serviço.

Certa noite, a fúria do vento jogava o barco de um lado para o outro, como uma casca de noz. Nunca imaginei tempestades assim. Fiquei tão amedrontado que não soube o que fazer. Era impossível que a embarcação não afundasse.

Foi quando me lembrei das palavras da minha mãe.

— Se escapar desta — disse sozinho —, não darei outra chance. Chega de ser marinheiro. Só quero voltar para casa e nunca mais deixar meus pais.

A manhã surgiu e a tempestade piorou. Achei que estava tudo perdido e me resignei. De tarde, entretanto, o céu clareou e o vento começou a diminuir. As ondas perderam a fúria, o navio parou de balançar. A tempestade chegara ao fim.

No dia seguinte, o sol apareceu, o céu fez-se todo azul e o mar parecia tão manso quanto um carneirinho. Eu estava de pé no convés, olhando a água, quando ouvi passos atrás de mim. Era o imediato do navio, um homem que sempre foi legal comigo.

— Que é isso, Bob? Você parece que teve medo do ventinho da noite passada.

— Ventinho? — respondi. — Tempestade das boas, isso sim.

O velho marujo riu.

— Você é muito novato, Bob. Ainda não sabe o que é uma tempestade. Mas vai saber qualquer dia e vai rir por chamar esse ventinho de tempestade.

O tempo continuou firme por dias e meu medo desapareceu. Pouco a pouco, desisti de voltar para casa.

Essa primeira viagem não durou muito. Não conheci novas terras, porque o navio só foi até Londres, mas me maravilhei com as grandes coisas dessa cidade enorme.

Meu desejo de viajar e conhecer o mundo tornou-se mais forte do que nunca.



COMEÇO A VER O MUNDO

Foi fácil encontrar um barco, pois de Londres partem navios para todos os confins da Terra. Um dia encontrei um velho capitão que costumava viajar à costa da África. Conversamos e ele gostou da minha motivação.

— Se você deseja ver o mundo — disse o capitão —, poderá começar comigo. Levo um carregamento de miçangas e outras bugigangas para trocar por ouro em pó, marfim, plumas e coisas sem valor para os africanos, mas valiosas na Inglaterra.

Fiquei contente e aceitei o convite. Finalmente veria estranhas terras e novos povos. A viagem seria uma aventura como aquelas com que eu vivia sonhando.

Após dez dias no oceano, a caminho da costa africana, o capitão havia me ensinado coisas que todo marinheiro deve saber. Mostrou como o piloto dirige o navio e o uso da bússola.

Vi tanta coisa nova que poderia encher um livro. Além disso, ganhei dinheiro. A minha parte nos lucros foi de seis libras em ouro em pó. Depois fiz outras viagens, mas tomaria muito tempo falar delas. Algumas correram felizes como a primeira; outras, além de desagradáveis, não me trouxeram um centavo.

Às vezes voltava à África, outras vezes ia à América. A experiência ensinou que a vida de marinheiro era, como minha mãe dizia, cheia de perigo. Mas eu já não pensava nos prazeres, nem nas aventuras, apenas nos lucros. Continuei marinheiro por negócio.

Por fim, fiz a viagem que terminaria minha carreira. É o que contarei agora.



MAIS UMA VIAGEM

Eu andava tão cansado do mar que queria mudar de profissão. Àquela época, andava no Brasil, onde havia comprado terrenos para plantar cana-de-açúcar e fumo. Aquele solo fértil poderia me enriquecer.

Naquela terra nova, eu precisava de enxadas, moendas, trabalhadores e não tinha nenhum. Mandei buscar, junto com o material de que precisava, em Londres. Tentei conseguir trabalhadores com fazendeiros vizinhos, mas não tive sucesso. Em vez de viajarem comigo, eles disseram:

— Podemos fretar um navio, aparelhá-lo com tudo o que for preciso, carregá-lo de açúcar e fumo e dar para você negociar.

— Mas e o meu lucro?

— Escute. Você leva o navio cheio, vende as mercadorias e com o dinheiro consegue uma tripulação na África. Quando chegar aqui, dividimos o contingente para trabalhar nas lavouras.

O plano parecia bom e calculei que me daria aquilo de que eu precisava. Tendo escapado de tantos perigos no mar, seria loucura voltar à vida de marinheiro, mas o lucro se tornara uma tentação à qual não pude resistir.

O navio foi logo fretado e preparado para a viagem.

O carregamento, embora não fosse grande, era bem escolhido. Só mercadorias fáceis de vender. Levava também caixas de miçangas, facas, machadinhas e outras “tentações” para os africanos.

O navio — um dos melhores de seu tempo — era tripulado por quatorze homens, além do capitão e eu.



O NAUFRÁGIO

Quando tudo ficou pronto, embarquei no navio. Há oito anos, eu tinha deixado minha casa e algo me alertava contra essa viagem, mas eu não podia voltar atrás.

O vento estava de feição, como dizem os marinheiros. As velas se enfunaram e empurraram o navio. Por dias, o clima esteve favorável. O navio navegava com firmeza, indicando que seria uma viagem feliz. Mas aquela felicidade durou pouco.

Uma violenta tempestade, como eu jamais tinha visto, chegou do sudoeste. Nada pudemos fazer senão deixar o navio flutuar na vontade dos ventos. Dias e dias fomos arrastados mar afora, esperando um fim terrível.

Enquanto a ira da tempestade crescia, nenhum de nós esperava salvação. Porém, no décimo segundo dia, a ventania cessou e nossas esperanças renasceram.

No dia seguinte, pela manhã, um marinheiro gritou: “Terra!”.

Corri ao convés para ver, mas, justamente naquele instante, o navio encalhou num banco de areia. Grandes ondas se quebravam na nave e a tripulação teria sido varrida para o mar, se não tivesse se escondido nas cabines. “O que vamos fazer?”, gritou um marinheiro.

— Nada — respondeu o capitão. — Nossa viagem está no fim. Só nos resta esperar que as ondas arrebenhem este maldito navio e nos engula.

— Ainda tem um jeito — gritou o imediato. — Venham!

Atrás dele, corremos ao convés e vimos que o bote continuava no lugar. Cortamos as cordas e o pusemos na água, com todos os homens dentro.

Nenhum bote poderia flutuar por muito tempo naquele mar agitado, mas a esperança de chegar a terra firme era a única salvação.

Ondas furiosas nos jogavam em pedras mais terríveis do que o mar. De repente uma delas cobriu o bote e ninguém teve tempo de gritar.

Fomos engolidos pelas águas.



SOU LANÇADO À PRAIA

Depois daquilo, só me lembro de ter aberto os olhos e visto uma praia e as ondas rolando por cima de mim enquanto eu boiava. Com esforço, nadei até sentir a areia. Que felicidade a terra firme sob os pés! Lutei para não perder o equilíbrio, ansioso em me aproximar da costa. Outra onda enorme veio e quase me arrastou ao oceano.

Desesperadamente, andei até poder me agarrar a um rochedo. Não estive ali nem um minuto, quando outra onda me puxou, mas, daquela vez, fui jogado na praia.

Exausto de lutar contra a maré, caí sobre a grama que crescia na orla. Meus olhos se ergueram em agradecimento aos Céus.

Após descansar, levantei e olhei ao redor. Longe, encalhado no banco de areia, o navio surrado pelas ondas. Fiquei admirado de vê-lo tão distante.

— Como foi possível que eu nadasse tanto? — indaguei.

Onde estavam meus companheiros? Caminhei ao longo da praia e não vi ninguém; apenas vestígios — um chapéu, dois sapatos.

Haviam todos morrido, afogados pelas ondas.

Agradecido pela terra firme, livre das traições do mar, esqueci qualquer perigo.

E o cansaço me afundou no sono mais profundo de minha vida.